



ANALISANDO A TERCEIRA IDADE A PARTIR DO GÊNERO

Thays Pretti¹; Vanessa Aline F. Capeloto²

RESUMO: O presente artigo consiste em uma pesquisa de cunho bibliográfico que tem como objetivo analisar as protagonistas dos contos “Secular” e “Onde caíram os meus botões”, ambas mulheres e idosas, criadas pela paranaense Luci Collin e pela carioca Helena Sut, respectivamente. A escolha dos contos se dá a partir da perspectiva da escrita de autoria feminina, a qual atenta para a necessidade de pôr em evidência a produção, por vezes subjugada pelo cânone, das escritoras; e da crítica feminista, dando especial atenção a problemas na definição de gênero, o que será trabalhado a partir do fato das protagonistas serem mulheres e idosas, participando, portanto, de uma categoria especial dentro do que se convencionou considerar “gênero feminino”, com anseios e perspectivas próprios. Alguns dos teóricos a serem utilizados nessa proposta são Teresa de Lauretis, com o texto “Tecnologia do Gênero”, que discute a possibilidade de subgêneros dentro do grande gênero “mulher” e Pierre Bourdieu, com o livro “A dominação masculina”, questionando algumas concepções de gênero aceitas como absolutas e que, na verdade, podem ser muito melhor compreendidas como sendo histórica e socialmente construídas. Concluímos que a categoria gênero deve ser considerada apenas didaticamente, uma vez que não abarca toda a complexidade do sujeito, sendo necessária a complementação dessa categoria com subgêneros para que o conceito realmente se aproxime mais de dar conta da subjetividade de um indivíduo.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica Feminista; Gênero; Helena Sut; Luci Collin.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca mostrar de que forma podemos considerar a categoria “gênero” como uma categoria de análise “incompleta”, por não abranger todas as características dos indivíduos inscritos nela. Para tanto, analisamos duas personagens de sexo feminino inscritas sob o gênero feminino, de mesma faixa etária e, entretanto, com vivências, dramas e características totalmente diversas, de modo que ainda sendo de igual gênero, não poderiam ser compreendidas “confortavelmente” num mesmo grupo.

Para que houvesse proximidade na representação das personagens, escolhemos na produção de duas autoras brasileiras, ainda que de Estados diferentes, de idade semelhante e tendo produzido em períodos não muito distantes – pensando em evitar que as influências recebidas pelas autoras fossem muito diferentes.

O primeiro conto é “Secular”, de Luci Collin, curitibana nascida em 1964, doutora em Letras e com diversos livros publicados, entre eles “Acasos pensados”, do qual retiramos o conto citado. O segundo conto é “Onde caíram os meus botões?” de Helena

¹ Mestranda em Estudos Literários (bolsista CAPES) pela Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR. E-mail: thayspretti@gmail.com

² Graduanda em Licenciatura em Letras (bolsista CNPQ) pela Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR. E-mail: ve_moa@hotmail.com

Sut, carioca residente em Curitiba, nascida em 1969 e mantenedora do site “Colcha de Retalhos”, do qual retiramos o conto em questão.

Para desenvolver o que nos propomos a realizar, apresentaremos, inicialmente, como alguns autores conceituam o termo gênero, já problematizando a questão com autores que questionam a validade do conceito de gênero como uma categoria tão definida ou definidora. Em seguida, analisaremos os contos apresentados acima, tentando comprovar, na prática, o que inicialmente apresentamos na teoria.

Sinteticamente, o objetivo deste trabalho é questionar o conceito de gênero usualmente adotado em literatura por meio da suposição de subgêneros que melhor se adequem às personagens (indivíduos) e suas vivências.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho consiste de uma pesquisa bibliográfica que envolve a análise e interpretação de textos literários a partir de determinados pressupostos teóricos. Desse modo, consideramos como nosso material o *corpus* literário escolhido – os contos – e o embasamento teórico utilizado. O processo desenvolvido para que se chegasse aos resultados aqui apresentados foram as leituras teóricas e a análise dos contos, com a posterior interpretação dos mesmos pelo viés da teoria estudada.

Resumidamente, “Secular”, de Collin, conta sobre a angústia e desconforto de uma prostituta que se percebe envelhecendo e nota como sua vida foi solitária e, de certo modo, sem sentido, pois nunca conseguiu nada que fosse diferente daquela situação na qual vivia. Apesar disso, aceita que deve continuar vivendo como sempre, apenas esperando a morte chegar.

“Onde caíram meus botões?”, de Sut, ainda que também gire em torno de certa angústia e nostalgia, não chega a ser tão pessimista, uma vez que aborda a história de uma senhora que viveu por muito tempo em um apartamento, onde criou seus filhos, e que, em determinado momento, tem defeitos nos encanamentos. Por conta disso, os filhos a tiram de lá e fazem uma reforma completa. Ao voltar para seu apartamento, a senhora entra num processo de nostalgia por não mais encontrar naquele ambiente sua vida anterior e sua “identidade”. Entretanto, apesar de se saber velha, essa personagem não está “esperando a morte chegar” como a do conto anterior.

Para analisar os contos acima sintetizados, é necessário falar sobre qual é a definição corrente de gênero e, em seguida, considerar a possibilidade de “subcategorias” nesse conceito, que reuniriam as diversas posições da mulher em sociedade de forma mais adequada.

Desse modo, gênero é, segundo Zolin (2005, p. 182), uma “categoria tomada pela crítica feminista de empréstimo à gramática” que, a partir da adoção do termo pela crítica feminista, passou a implicar “diferença sexual e cultural” (ZOLIN, 2005, p. 182), diferenciando, nas identidades feminina e masculina, o que é biológico do que é cultural.

A esse respeito, Lauretis afirma que devemos ver o gênero como “produto de diferentes tecnologias sociais, discursos e práticas cotidianas” (1994, p. 208), ou seja, sendo ideológico, socialmente construído. Além disso, “tendo apenas uma existência relacional, cada um dos dois gêneros é produto do trabalho de construção diacrítica, ao mesmo tempo teórica e prática, que é necessário à sua construção como corpo socialmente diferenciado do sexo oposto” (BOURDIEU, 2005, p. 34), sendo que as estruturas resultantes dessa construção “são produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução” (BOURDIEU, 2005, p. 34), o que nos faz reafirmar o discurso de dominação de um gênero por outro inconscientemente a todo o momento, perpetuando-o de forma inquestionada e, talvez, apenas levemente percebida.

Gênero, portanto, é referente a algo construído e aplicado para ambos os sexos como “forma certa de ser”, perpetuada inconscientemente por todos. Porém, Bonnici,

citando Scott, atenta para o fato de que não devemos homogeneizar a mulher em um único bloco (2007, p. 127), uma vez que há diversas variações dentro dessa definição que fazem com que as mulheres sejam afetadas de formas diferentes pela imposição social do gênero de acordo com a posição que ocupem na sociedade.

Concordando com isso, Butler afirma que “a insistência sobre a coerência e unidade da categoria das mulheres rejeitou efetivamente a multiplicidade das interseções culturais, sociais e políticas em que é construído o espectro concreto das ‘mulheres’” (2003, p. 34), ou seja, conceituar teoricamente uma pessoa apenas com o termo “mulher” não abarca tudo o que ela é, uma vez que ela é alterada por cada posição social que ocupa, de modo que, mesmo duas mulheres de, por exemplo, “etnia branca”, podem ser afetadas por diferentes imposições sociais se forem, por exemplo, uma de classe alta e outra de classe baixa, ou uma homo e outra heterossexual.

Nesse sentido, Butler sugere que a categoria gênero seja mantida em aberto, pois “gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada” (2003, p. 37), sendo “errado supor de antemão a existência de uma categoria de ‘mulheres’ que apenas necessitasse ser preenchida com os vários componentes de raça, classe, idade, etnia e sexualidade para tornar-se completa” (2003, p. 36). Assim, mesmo que listássemos todos esses elementos, ainda assim não seríamos capazes de abarcar toda a complexidade da identidade feminina.

A partir dessas considerações teóricas, o pressuposto fundamental que aplicamos aos textos analisados e comparados foi: considerar um indivíduo do sexo feminino apenas como submisso à pressão da (e classificável como membro da) categoria do gênero feminino não abrange de forma exata a pressão social (ou determinações sociais) recebida(s) por esse indivíduo. É necessário considerar outras variáveis envolvidas, como etnia, idade, sexualidade, classe social, entre outras, cuja análise, mesmo assim, não definirá completamente tal indivíduo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da teoria exposta, podemos afirmar que, em ambos os contos analisados, temos como protagonistas personagens do sexo feminino que se encaixam no gênero feminino. É o primeiro ponto de relação entre elas. Outro ponto é que ambas as personagens são (ou se consideram - especialmente no conto “Secular”, no qual a menção de idade não é tão marcada) idosas (ou, ao menos, de idade madura - novamente considerando a imprecisão do conto “Secular”). Podemos deduzir isso a partir do título do conto, “Secular”, que indica algo que é antigo, e também em “o corpo era velho” (COLLIN, 2008, p. 49) e na forma como é construído o conto como um todo. No caso do conto “Onde caíram meus botões?”, deduzimos a idade avançada da personagem em “os primeiros moradores envelheceram”; “a senhora sentia o ressecamento dos anos”; “conseguiu levar a adolescência dos filhos, as macarronadas de domingo, os primeiros passos dos netos, junto com (...) o cartão do banco para sacar sua aposentadoria” e “não conseguia se reconhecer nas sombras, a visão cansada e já comprometida pela catarata dificultava a adaptação aos novos ambientes” (SUT, 2005). A proximidade das faixas etárias coloca-as em um mesmo “subgênero” ou “subcategoria”, algo entre idade madura e terceira idade.

Entretanto, o fato de estarem em um mesmo “subgênero” não é o suficiente para abranger tudo o que as personagens são, havendo grandes diferenças entre uma e outra por conta de elementos vários que as distanciam, mostrando que a identidade “mulher” (assim como qualquer identidade) é uma algo que não pode ser compartimentado.

Nesse sentido, podemos observar um distanciamento entre as personagens quando notamos que a personagem de Collin não apresenta família constituída, e sua

fonte de renda é o próprio corpo - a personagem é uma prostituta que se percebe envelhecendo e se incomoda com a situação solitária na qual se encontra. Podemos ver marcas que sugerem isso em “nunca lhe pediram troco”, “o que sabe sobre si: vende fatias”, “era pública” e “o corpo envelhecera e ela pensou no preço” (COLLIN, 2008, p. 49-50). Diferentemente, a personagem de Sut, além de possuir nome - Dona Iolanda - constituiu família, com quem foi feliz - inclusive quando se trata do marido, uma vez que lamenta sua morte, como vemos em “lembrou das veias entupidas que silenciaram o marido. Por que tão de repente?” (SUT, 2005). Além disso, sua fonte de renda é a aposentadoria, a qual não sabemos se provém do trabalho dela ou do marido.

Em relação ao desconforto das personagens, podemos perceber que também advêm de situações diferentes. No caso da personagem de Collin, a angústia resulta do fato de se perceber envelhecendo e notar que não teve nenhuma “realização” (pessoal ou profissional, no sentido socialmente usual). Percebe que não tem prazer com o que faz, como vemos em “não havia notícias de sorrisos genuínos” e “havia notícia de espasmos. Para ela os ecos.” (COLLIN, 2008, p. 49) e, entretanto, conforma-se com a situação e continua vivendo, como notamos em “nada que se pudesse fazer sobre isso” (COLLIN, 2008, p. 49). Sua preocupação, quando percebeu o próprio envelhecimento, foi com o preço que poderia cobrar de seus clientes: “o corpo envelhecera e ela pensou no preço” (COLLIN, 2008, p. 50).

Em contrapartida, Dona Iolanda, de Sut, tem como origem de suas angústias a perda de sua identidade quando da reforma do apartamento no qual vivera por cinquenta e três anos, o que podemos perceber em “Procurou algumas lembranças que não sobreviveram às tantas mudanças, tentou reencontrar sua rotina nas sombras, nos novos cantos... Os conceitos modernos eram inadequados às arquiteturas que alicerçavam seu pequeno mundo” (SUT, 2005). O que temos em comum entre as personagens em relação a seus conflitos é apenas o fato de que ambas aceitam a situação e continuam vivendo, como vemos, em “Onde caíram meus botões?”, em “tentou se lembrar, costurar as tantas vivências, mas perdera o fio. O branco era do esquecimento. Dona Iolanda abriu as novas torneiras...”, ainda que, diferentemente da personagem de Collin, Dona Iolanda não esteja apenas “esperando a morte chegar, aceitando continuar adiante, como podemos depreender da última frase do conto, quando a personagem abre as novas torneiras, sugerindo vida nova, continuidade.

É possível considerar que o desconforto da personagem de “Secular” seja originado do fato de ela não haver conseguido se enquadrar nos padrões de comportamento estabelecidos para seu sexo, uma vez que, segundo Bourdieu, “a força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física” (2005, p. 50), de modo que a personagem poderia ter adotado sobre si o “próprio ponto de vista dos dominantes” (BOURDIEU, 2005, p. 54).

Diferentemente, Dona Iolanda sempre seguiu o que foi estabelecido para alguém do sexo feminino: casou-se, constituiu família, cuidou da casa, dos filhos, dos netos, etc., sem jamais “fugir à tradição”. A partir disso, podemos considerar que, como estruturou sua personalidade/identidade sobre fatores externos - a imposição social de gênero, que classificou-a como mulher e lhe deu tarefas “de mulher”, uma vez nascida sob o sexo feminino - quando sua realidade externa foi alterada, houve certa desestabilização, como se por um momento ela houvesse deixado de se reconhecer a si mesma. A personagem retratada por Collin, por outro lado, por não se encontrar nas “obrigações” do gênero que lhe foi imposto pelo seu sexo, desde o início vive um conflito de identidade, deixando-se conformar pela situação na qual se encontra por considerar que já perdeu sua vida, não havendo nada que possa fazer para que as coisas sejam diferentes.

Mesmo compreendendo as personagens dos contos escolhidos desse modo, percebemos que, ainda assim, não podemos considerá-las como passíveis de serem analisadas por uma “lente comum”. São ambas mulheres, na mesma fase da vida,

sofrendo o mesmo tipo de pressão social e vivenciando algum tipo de angústia, entretanto, talvez devido à forma de cada uma lidar e vivenciar essa pressão sofrida (ou seja, devido à individualidade humana de cada uma), são extremamente diferentes, mostrando o quão limitante é o costume de classificar seres humanos como se fossem objetos de uma coleção.

4 CONCLUSÃO

Com a discussão teórica e a análise desenvolvidas, pudemos perceber a fragilidade das atividades classificatórias quando se trata de seres humanos - aqui retratados e analisados como personagens literários. Consideramos, desse modo, que, como defendido por alguns autores, os termos usados para classificação devem fazê-lo de forma apenas didática, sem que os vejamos como uma metodologia certa e precisa de interpretação de informações e características que envolvam a individualidade humana.

Os contos analisados poderiam ser abordados de diversas outras formas, por serem muito ricos. Aliás, cremos que ambos até deveriam ser analisados por mais estudiosos, para que sejam fomentadas mais pesquisas a respeito da produção das escritoras brasileiras, cujo trabalho, de modo geral, é de muita qualidade.

Possibilidades existem muitas, é necessário buscá-las, ressaltando o que há de bom nessa produção, analisando, criticando e divulgando, para, desse modo, contribuir, ainda que diminutamente, no fomento desses estudos.

REFERÊNCIAS

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista**: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Traduzido por: Maria Helena Kühner. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Traduzido por: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COLLIN, Luci. **Acasos pensados**. Curitiba: Kafka Edições, 2008.

LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia do gênero**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SUT, Helena. **Onde caíram os meus botões**, 2005. Disponível em <<http://www.helenasut.net/visualizar.php?id=14101>>, acesso em 24 jul. 2010.

ZOLIN, Lúcia Osana. *Crítica feminista*. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2005.